

Paulo Freire na Comunicação e os meios de “comunicados”



Fernanda Pereira Ribeiro¹

Resumo

A obra do educador Paulo Freire pode ser lida como uma abordagem cultural da comunicação. Comunicação como troca dialógica a partir de um ponto de vista social e político. Abordagem cultural apoiada numa visão humanista, valorizando a criatividade humana e partindo de uma definição mais ampla de comunicação. O artigo disserta sobre a aplicação da práxis freireana no campo da Comunicação (estudo teórico dos seus textos) e na atividade comunicacional (criação, produção e recepção das mensagens).

Palavras-chave: Paulo Freire; comunicação; cultura

Resumen

El trabajo del educador Paulo Freire se puede leer como una abordage cultural de la comunicación. La comunicación como un intercambio dialógico desde un punto de vista social y político. Enfoque cultural de apoyo a una visión humanista, la mejora de la creatividad humana y la construcción de una definición más amplia de comunicación. El artículo trata de la aplicación de la praxis de Freire en el campo de la Comunicación (estudio teórico de sus textos) y la actividad comunicacional (creación, producción y recepción de mensajes).

Palabras clave: Paulo Freire; comunicación; cultura

Abstract

The educator Paulo Freire's work can be read as a cultural communication. Communication as a dialogic exchange from a social point of view and political. Cultural approach supported a humanistic vision, enhancing human creativity and building a broader definition of communication. This article is one the application of Freire's praxis in the field of Communication (theoretical study of their texts) and communicational activity (creation, production and reception of messages).

Keywords: Paulo Freire; communication; culture

Introdução

Este artigo é parte da pesquisa elaborada pela autora durante o Mestrado em Comunicação e Cultura na UFRJ. Este trabalho alinha-se à corrente de pensadores e teorias que centram a comunicação no receptor, no uso da comunicação numa perspectiva democrática e transformadora.

As ideias do educador Paulo Freire tiveram um grande impacto sobre as teorias da comunicação. Inspiraram os movimentos de comunicação dialógica e participativa e de leitura crítica na década de 70, quebrando a lógica “emissor que fala e receptor que recebe passivamente”. Estimularam o trabalho por meio da comunicação popular que transforma homens em sujeitos. Excitaram a dimensão política da comunicação, em que o oprimido tem o direito de pronunciar a sua voz. Trabalharam com as dimensões crítica, libertadora, participativa, horizontal e dialógica da comunicação.

Uma das questões fundamentais que tratamos aqui é o alerta que Freire nos coloca para o equívoco gnosiológico do termo comunicação: a comunicação midiática é antidialógica e como tal incompatível com o termo comunicação. Os meios de comunicação, na verdade, são meios de “comunicados”. São unilaterais. O espectador é objeto passivo.

Este trabalho se insere dentro de uma perspectiva crítica, valendo-se de uma abordagem histórica e sociológica por meio de revisão bibliográfica. Apresentamos a interdisciplinaridade entre os campos da Comunicação e Educação propondo o estudo sistemático de Freire na Comunicação, além de apresentar o autor, suas ideias principais, a Pedagogia do Oprimido e o conceito de comunicação em Freire. Colocada a importância de estudar este autor na Comunicação, partimos para um resgate histórico de sua trajetória pessoal, política, pedagógica e teórica – que se misturam e se entrelaçam.

Partimos de Freire com o objetivo de: 1) Resgatar a questão do oprimido, tentando atualizá-la e identificá-lo hoje. A “Comunicação do Oprimido” que propomos deve partir desse sujeito histórico que sofre a opressão social de uma sociedade injusta. 2) Enfatizar o aspecto político na comunicação (no sentido de conscientização e transformação da realidade) – tanto teórico quanto prático – uma das questões primordiais em Freire, um pouco esvaziada e perdida em muitos movimentos populares hoje. 3) E, por fim, com base no ensaio “Extensão ou Comunicação” de Freire, trabalhar o aspecto da comunicação como troca dialógica – e não como transmissão extensionista de conteúdos –, partindo das possibilidades criadas a partir das novas tecnologias.

Comunicação e Educação: interdisciplinaridade a partir de Paulo Freire

Se ainda é possível formular alguma teoria de comunicação, esta terá que ter certamente a feição de uma comunicação que inclua as pessoas e não apenas as distraia de suas mazelas quotidianas e do forte processo de exclusão social a que estão submetidas. (PAIVA, 2001)

Um dos objetivos deste estudo é trilhar alguns caminhos para atualizar a interconexão teórica entre os campos da Comunicação e Educação a partir do educador Paulo Freire.

O campo acadêmico comunicacional constitui-se de teorias da comunicação que, mesmo caminhando para uma certa autonomia, se apropriam e dialogam com o saber oriundo de outras áreas do conhecimento, como a filosofia, a sociologia, a antropologia e a psicologia. Nas palavras do professor e comunicólogo José Marques de Melo, “a comunicação é um campo genuinamente interdisciplinar” (MELO, 2008, p.13)

Nos ciclos teóricos das faculdades de comunicação no Brasil são oferecidas disciplinas obrigatórias como Sociologia da Comunicação; Psicologia da Comunicação; Antropologia. A Comunicação e a Educação, enquanto áreas do pensamento e práticas sociais, também estão intrinsecamente interligadas. Mas, em geral, não é oferecida de forma obrigatória nas universidades uma disciplina que englobe a intercessão desse campo, estudando sistematicamente autores como Paulo Freire, por exemplo.

Como sintetiza a professora e pesquisadora Cicilia Peruzzo, os estudos sobre Comunicação e Educação tendem a focar as relações entre os dois campos do conhecimento, principalmente: 1) a questão da ensino-aprendizagem enquanto mediada por um processo comunicativo; 2) a utilização de meios de comunicação na educação presencial, nas instituições de ensino; 3) o papel da mídia no processo de educação; 4) a educação para a recepção crítica das mensagens transmitidas através dos meios massivos, especialmente a televisão (PERUZZO, 2002).

Englobando todos esses aspectos, surge atualmente um novo campo. O professor da USP e especialista nesta área Ismar de Oliveira Soares aponta que “a educação para a comunicação, o uso das tecnologias na educação e a gestão comunicativa transformam-se em objeto de políticas educacionais, sob a denominação comum de Educomunicação” (PAIVA, 2002, p.16). A constituição desse campo é tarefa complexa, pois “exige o reconhecimento da mídia como um outro lugar do saber, que condiciona e influencia, juntamente com a escola e outras agências de socialização, o processo de formação dos indivíduos” (MELO, 2008, p.49).

O foco deste estudo não é o campo da Educomunicação no âmbito do uso de tecnologias na educação ou na área de educação para os meios. Pretende-se, aqui, retomar as contribuições das teorias e práticas do educador Paulo Freire aplicando-as ao campo da comunicação – em especial dentro dos movimentos populares onde pode-se encontrar maior abertu-

ra para esta possibilidade, já que a mídia comercial de massas é atrelada e vinculada aos interesses mercadológicos e visa em grande parte ao entretenimento. Pretende-se, ainda, apontar a importância de englobar Paulo Freire no estudo das teorias da comunicação e, sobretudo, na formação do comunicador.

Numa conferência da Intercom² realizada em Santos em 1997, o professor colombiano Jesus Martin-Barbero, ao analisar a contribuição brasileira à área acadêmica da comunicação social no continente, apontou o pedagogo Paulo Freire (ao lado do antropólogo Renato Ortiz) como o autor brasileiro mais importante para o desenvolvimento do pensamento latino-americano na área.

Como aponta o estudo da especialista em Comunicação e Cidadania Denise Cogo, a concepção freireana de educação é a principal inspiradora de experiências de comunicação popular vinculadas a movimentos sociais, sindicais e a comunidades eclesiais de base nas décadas de 70 e 80. Sua teoria está presente na academia no ensino de disciplinas como Comunicação Comunitária ou no âmbito dos projetos de extensão associados a essas disciplinas. As contribuições freireanas possibilitam, sobretudo, associar intervenção social e reflexão teórica, atribuindo à comunicação comunitária um caráter de ruptura com o isolamento do fazer acadêmico. A obra do autor é utilizada como referencial teórico de projetos de pesquisas que têm essa temática. Das 33 terminologias identificadas pela pesquisadora Regina Festa em 1984 para nomear e definir a comunicação alternativa, algumas explicitam diretamente a influência freireana nesse campo, como é o caso da comunicação libertadora, da comunicação do oprimido e da comunicação dialógica (COGO, 1999).

Para teóricos como Mario Kaplún e Juan Diaz Bordenave, Freire foi o ponto de partida para a explicitação do conceito de comunicação popular:

Ambos identificam três modelos educativos que são úteis à análise das experiências de comunicação desenvolvidas no âmbito dos movimentos sociais: um primeiro, que põe ênfase no conteúdo; um segundo, que enfatiza os efeitos; e um terceiro, que privilegia o processo. Embora não sejam puros, os três modelos acabam se mesclando em ações educativas concretas no campo da comunicação. No entanto, Kaplún não deixa de reconhecer no modelo que privilegia o processo as possibilidades de participação na comunicação à medida que permite que emissores e receptores tenham a mesma oportunidade não apenas de responderem à mensagem recebida e reagirem diante dela, como de gerarem suas próprias mensagens. (COGO, 1999)

Ainda segundo Cogo, em sua origem, a comunicação popular constituiu-se como uma reação ao modelo hegemônico fundamentado na noção mecânica de comunicação como transmissão de informação de fontes ativas a receptores passivos. Os projetos de comunicação popular convertem-se em portadores das insatisfações de movimentos sociais e de

² Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

setores da sociedade civil com as ditaduras militares que, entre os anos 70 e 80, predominavam na maioria dos países latino-americanos, onde a comunicação massiva se constituiu em um dos principais instrumentos para a difusão e manutenção de seus projetos políticos.

Nesse cenário, a obra de Paulo Freire ajuda a consolidar as bases para o entendimento das inter-relações entre comunicação, educação e cultura, cujos desdobramentos refletem-se, mais tarde, no desenvolvimento de uma vertente denominada estudos culturais e comunicação. Herdeira dos estudos culturais ingleses, essa vertente encontra sua especificidade no contexto latino-americano a partir do final da década de 80, cujas reflexões apontam para a construção de uma trajetória comum: a comunicação no marco do processo das culturas em que a compreensão do fenômeno comunicativo não se esgota em conceitos e critérios como canais, meios, códigos, mensagens, informação. O entendimento da comunicação é reorientado a uma revalorização do universo cultural e do cotidiano dos sujeitos como mediadores dos sentidos produzidos no campo da recepção das mensagens dos meios massivos. Suscetíveis de múltiplas interpretações, essas mensagens são polissêmicas e seus sentidos ou significados “negociados” na esfera da recepção. Todo um conjunto de investigações no âmbito da audiência dos meios de comunicação de massa, sobretudo da televisão, buscam entender o que fazem os públicos com os meios e as mensagens emitidas e, por outro lado, o papel que desempenham a cultura e as instituições sociais como mediadores no consumo das mensagens propostas (COGO, 1999).

Mas hoje percebemos a carência de um estudo aprofundado sobre as teorias freireanas na comunicação, sobretudo em disciplinas teóricas obrigatórias – fora do âmbito da Comunicação Comunitária ou da Educomunicação. A retomada de Paulo Freire pode ser útil para uma abordagem política nas reflexões sobre as chamadas novas tecnologias da comunicação, campo em que podemos encontrar possibilidades de quebra entre a lógica emissor-receptor.

Colocada a importância de estudar o autor na Comunicação, partimos para um resgate histórico de sua trajetória pedagógica no intuito de contextualizar para melhor entender sua importância política.

A práxis freireana³

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em setembro de 1921, no estado de Pernambuco, e morreu em maio de 1997, em São Paulo. Formou-se em Direito, mas jamais exerceu essa profissão. Tornou-se professor de língua portuguesa em escolas de educação fundamental. Trabalhando com educação popular, dirigiu experiências de alfabetização de adultos no governo anterior ao golpe militar de 1964.

As primeiras experiências do que convencionou-se chamar de “método Paulo Freire de alfabetização” começaram na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963, onde 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias. No

³ As informações aqui resumidas sobre vida e obra de Paulo Freire foram retiradas de sua biografia, publicada um ano antes de sua morte, cf. Gadotti, M., 1996.

ano seguinte, Freire foi convidado pelo presidente João Goulart e o Ministro da Educação para elaborar a Campanha Nacional de Alfabetização, interrompida e reprimida pelo golpe militar.

Em sequência, passou 75 dias na prisão e quase 16 anos no exílio. Viveu na Bolívia, Chile e Suíça, com passagens pelos Estados Unidos, África e Ásia. Implementou o “método” em alguns países da América Latina; assessorou na década de 70 a implementação de sistemas educacionais nas ex-colônias portuguesas na África, passando também por Harvard e Genebra, onde deu aulas.

Retornou ao Brasil em 1980, assumindo a secretaria de educação da cidade de São Paulo (1989-1991), e retomando atividades acadêmicas. Lecionou na PUC-SP, Unicamp e USP; dirigiu novas experiências de educação popular; e exerceu grande influência sobre grupos e instituições dedicados à cultura e educação populares. De 1959 a 1996, publicou quase 40 obras.

Sua teoria do conhecimento deve ser entendida no contexto em que surgiu: o Nordeste brasileiro no início da década de 60, em que metade de seus 30 milhões de habitantes vivia na “cultura do silêncio” eram analfabetos. Era preciso “dar-lhes a palavra” (GADOTTI, 1996).

Hoje vivemos numa realidade de analfabetismo funcional. O homem e a mulher comum sabem ler, mas não interpretar. É preciso dar-lhes os meios de interpretação e comunicação. Alfabetizar politicamente.

O método Paulo Freire de alfabetização, fundado no princípio de que o processo educacional deve partir da realidade do educando, expandiu-se por todo o mundo. “Não basta saber ler que ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem tabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (GADOTTI, 1996, 72).

A universalidade de sua obra decorre dessa aliança teoria-prática. “Freire não pensa pensamentos. Pensa a realidade e a ação sobre ela. Trabalha teoricamente a partir dela” (GADOTTI, 1996, p. 77). Indo além da teoria e do pensamento, aplica as ideias na prática concreta e aproxima-se das camadas populares.

Propôs uma educação de adultos que estimulasse a colaboração, a decisão, a participação e a responsabilidade social e política. Sua pedagogia sustenta uma abordagem centrada no aluno, enfatizando a discussão, o diálogo, a comunicação, respeitando o conhecimento do aluno e a capacidade para assumir sua própria aprendizagem. “Freire, atento à categoria do saber que é apreendido existencialmente, pelo conhecimento vivo de seus problemas e os de sua comunidade local, já explicitava o seu respeito ao conhecimento popular” (GADOTTI, 1996, p.35).

Levando-se em conta que essas ideias não são uma visão de Freire, mas também de outros pensadores, não é o objetivo aqui fazer qualquer tipo de “culto à personalidade ou reafirmação de mitos”.

Seu pensamento foi influenciado pelo marxismo, existencialismo, personalismo e fenomenologia. Em sua leitura de mundo há a presença, entre outros, de Marx, Lukacs, Sartre, Mounier, Albert Memmi, Erich Fromm, Frantz Fanon, Merleau-Ponty, Antonio Gramsci, Karel Kosik, Marcuse, Agnes Heller, Simone Weill e Amilcar Cabral.

O pensamento de Paulo Freire constitui uma síntese de diferentes experiências e tradições filosóficas complexas, com base no cristianismo e no marxismo

– “pensamento este que é revisitado e atualizado face ao próprio caráter dialético e à natureza da práxis freireana, construídos sempre na ação e na reflexão permanentes” (TOSTA, 1998 *apud* MELO, 2008, p.19).

Suas reflexões teóricas são captadas com mais riqueza quando relacionadas ao seu contexto prático-pedagógico mais amplo. E são também baseadas nos ideais cristãos de fraternidade, comunhão e harmonia entre os indivíduos.

Suas ideias não correspondem ao idealismo, mas são produto de uma reflexão contínua, metódica, elaborada a partir de uma prática social, de uma práxis. Essas reflexões sobre a prática, que constituem também uma teoria da educação (teoria que só faz sentido quando associada e posta em prática de maneira crítica – dialetizada), não se limitam a um ideal a ser alcançado, mas constituem-se de elementos que fazem parte do presente e da prática pedagógica existente (FREIRE, 2003).

Sua forma de agir e se expressar refletem uma certa rebeldia a modelos burocráticos e políticos. Sua linguagem, doce e poética, ora aproximando-se de expressões ditas populares, não segue rigidamente os padrões hegemônicos da academia.

O modo pelo qual Paulo Freire trabalhou a educação agrega elementos para a construção de teorias e políticas de comunicação. Essa releitura “permite ver a grandeza da obra e sua perspectiva profética, no rumo do homem e da mulher liberados” (ALVES, 2006). Freire coloca que somos seres historicamente condicionados, mas não determinados, e podemos e devemos mudar a história enquanto mudamos a nós mesmos.

Sua obra mais importante, a *Pedagogia do Oprimido*, foi traduzida e publicada em mais de 20 idiomas. A atualidade de seu pensamento é comprovada na medida em que a superação da opressão social continua sendo um dos maiores desafios atuais.

Pedagogia do Oprimido na Comunicação

Os anos 1960 viveram uma efervescência cultural por parte de movimentos de esquerda e da contracultura. Tropicalismo, cinema novo, revoluções nas artes plásticas, a cultura hippie, o feminismo, a revolução de maio de 1968. É neste contexto de revolução no pensamento vigente que surge a *Pedagogia do Oprimido*.

Elaborada, proposta e executada por Paulo Freire, ela pressupõe uma pedagogia que advém do oprimido e não é imposta e colocada de fora para dentro. Utiliza-se da linguagem, do mundo e do universo do oprimido na prática de ensino que é dialógica e dialética.

Um campo ainda pouco explorado – ainda mais se tratando de um autor brasileiro – é o uso da *Pedagogia do Oprimido* em pesquisas e cursos de Comunicação Social. Aplicada, por exemplo, à televisão, apresenta duas abordagens principais. A primeira refere-se a como a informação pode ser construída e assimilada pelos próprios telespectadores de forma ativa, levando-os a reconstruir a própria realidade, de maneira crítica. A segunda trata do processo através do qual o próprio comunicador aprende. Em outras palavras, de que maneira uma comunicação televisiva, voltada a um público popular, pode levar o comunicador para dentro da

realidade dos espectadores e fazer com que ele “aprenda” também. Para isso, é preciso combater a ideia de que o comunicador tem um saber – domínio técnico da linguagem e dos meios – superior ao dos telespectadores, e é preciso que o processo de comunicação seja multilateral.

A aplicação dos estudos freireanos ao campo da comunicação vem sendo realizada por alguns pesquisadores – com enfoques diversos. Um exemplo é um estudo feito na Universidade de Uberaba em 2006, que procura

estabelecer um diálogo entre a práxis pedagógica do educador Paulo Freire e as Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação para a habilitação Jornalismo do curso de Comunicação Social. O objetivo é desenvolver um modelo de aplicação do método dialógico freireano para problematizar o ensino de Jornalismo. (FONSECA, 2006)

O estudo propõe a aplicação das teorias de Freire no ensino de Jornalismo no intuito de reforçar o compromisso ético-político do futuro profissional com a transformação social, ideia presente no documento das Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação para a área. O foco do estudo recai sobre o professor de Comunicação e sua prática pedagógica por meio do método dialógico – a educação dialógica, problematizadora, a criação em conjunto de “temas geradores” – para que os alunos possam ser sujeitos do processo de aprendizagem desde a busca do conteúdo programático do curso.

O estudo de Fonseca sugere a formação de um profissional “radical, e não sectário; integrado, e não simplesmente adaptado ao seu tempo; um jornalista capaz de atuar como uma reflexão, e não como um mero reflexo da sociedade” (FONSECA, 2006).

A obra freireana pode ser lida de diferentes maneiras. Aqui aplicamos o olhar da comunicação. Para o pesquisador Eduardo Meditsch (2002), “a investigação sobre a forma como a problematização e o diálogo ocorrem nos processos cognitivos presentes também na comunicação jornalística e na comunicação midiática de diversos gêneros é um campo de estudos inexplorado e fascinante”. O autor aponta que desta forma se poderá chegar a uma discussão mais produtiva sobre a ação da mídia e seus efeitos. “A relação dialética entre subjetividade e objetividade é o substrato filosófico que embasa a pedagogia freireana.”

Outras questões trazidas por Freire que podem ser perfeitamente aplicadas à comunicação são a questão bancária da educação como instrumento de opressão e a dialogicidade como essência da educação (FREIRE, 2003, p.127). A comunicação bancária, assim como a educação, depositam no aluno ou espectador conteúdos prontos, como se estes fossem “depósitos vazios a serem preenchidos”. O diálogo está no núcleo fundamental das ideias freireanas. Sejam professores ou comunicadores, a relação com o aluno ou o público deve ser sempre horizontal.

O “método” freireano parte da realidade do educando, “do que ele já conhece do valor pragmático das coisas e fatos de sua vida cotidiana, de suas situações existenciais. Respeitando o senso comum e dele partindo, Freire propõe a sua superação” (GADOTTI, 1996, p.39).

A pedagogia do oprimido parte do saber, da linguagem e da necessidade po-

pular, respeitando o que há de concreto, cotidiano e de limitações. Além disso, não fica nesse ponto de partida, mas apresenta uma proposta de superação deste mundo de submissão, de silêncio e de misérias, apontando para um mundo de possibilidades (GADOTTI, 1996, p.37).

Mas não podemos perder de vista que, hoje, nos grandes centros urbanos, ao contrário do contexto do Nordeste brasileiro nas décadas de 50-60, época e local de implementação inicial da pedagogia freireana, a cultura e o universo das classes populares se confunde e se mistura – influenciando e sendo influenciados – com a cultura veiculada pela mídia massiva (novelas, sobretudo). Neste aspecto, a consciência crítica torna-se elemento fundamental, sobretudo num mundo atravessado e mesmo vivenciado por intermédio dessa influência midiática.

O conceito de comunicação em Freire e os meios de “comunicados”

Em sua produção teórica, Freire referiu-se à problemática mais ampla da comunicação humana numa única obra (*Extensão ou Comunicação*) em que faz a crítica das práticas de extensão rural (MEDITSCH, 2003). Além disso, o autor debruçou-se especificamente sobre a questão dos meios de comunicação de massa num de seus últimos livros, dialogado com o educador Sérgio Guimarães.

Neste ensaio, intitulado “Sobre educação: diálogos”, assume categoricamente que, mesmo não tratando diretamente sobre os chamados meios de comunicação, ele os considera “dentro do horizonte geral da teoria do conhecimento” que desenvolve nos seus trabalhos sobre educação (FREIRE, 2003, p.54). Assim, Freire parte de estudos de caráter sociológico e se baseia na teoria das comunicações (GADOTTI, 1996, p.79).

Ainda no ensaio “Sobre educação” (FREIRE, 2003), o autor discorre sobre a questão dos meios de comunicação aliados à escola, e a escola que precisa revolucionar-se para adaptar-se ao mundo tecnológico e criativo utilizando os meios, aprendendo com eles e ensinando a ser crítico em relação a eles. Não coloca os meios como vilões em si mesmos, mas apenas como reflexo do progresso, da ciência e tecnologia, como ferramenta que deve ser inserida no processo de aprendizagem e conhecimento. Mas coloca o problema do poder que está por trás dos mesmos. Questão, portanto, política (FREIRE, 2003, p.25). Política no sentido de opção por transformação da sociedade, e não de preservação tal como ela está.

A televisão francesa ou suíça, por exemplo, controladas pelo Estado (onde o usuário paga imposto audiovisual anual), são menos ligadas aos interesses comerciais e sensacionalistas e mais direcionadas a debates, programas culturais e de opinião.

Freire coloca que, resolvendo a questão do poder e a questão política, do ponto de vista técnico os meios de comunicação podem ser grandes aliados do processo de educação e conscientização. O autor propõe a escola como espaço comunicante, criador, tendo os meios como auxiliares (FREIRE, 2003, p.37).

A chamada unidirecionalidade do canal de comunicação é algo muito discu-

tível. A televisão, por exemplo, não é necessariamente, imutavelmente, unidirecional (...). Pode-se usar a televisão com ida e volta. (...) Através do telefone, inclusive. Quer dizer: as soluções técnicas podem ser facilmente encontradas pelos homens e pelas mulheres de televisão, que são os especialistas nisso. O problema é, de novo, esse: quem tem o poder sobre os meios de produção? (FREIRE, 2003, p.25-26)

As possibilidades técnicas existem quando se quer dialogar. Os veículos podem ser limitados ao consumo ou podem ser recursos de conscientização.

Segundo Paiva, o grande desafio atual – a grande questão filosófica da contemporaneidade – é a produção de um sistema que permita aos homens conviverem de maneira igualitária e respeitosa uns com os outros e com o meio ambiente. “Nesta ideia está implícito o propósito do diálogo, porque no fundamentalismo, entendido como a tradição defendida de forma tradicional, o que se viabiliza na ordem cosmopolita atual é a recusa do diálogo” (PAIVA, 2009). A concepção de que a educação seja um processo dialógico está presente em toda obra de Freire.

A ideia moderna de informação não pode restringir-se à existência de um fluxo comunicativo unidirecional (PAIVA, 2003, p.138). Para que haja comunicação (comunicação verdadeira, e não transmissão de informações), é necessário ida e volta.

A questão da “comunicação verdadeira” e a “comunicação enganosa” é uma discussão, como aponta Sodré (2001, p.16), que se estende de Platão ao pensamento contemporâneo. Não é objetivo deste estudo estender a discussão para a análise filosófica da verdade, mas trabalhar a função da comunicação.

Como alerta Freire, “na verdade, o que se está fazendo, em grande parte, com os meios de comunicação, é *comunicado!* Em lugar de haver comunicação real, o que está havendo é transferência de dados, que são ideológicos e que partem muito bem vestidos” (FREIRE, 2003, p.26).

A manipulação é outra característica antidialógica. Dá-se pelos mitos que reafirmam o modelo burguês de ascensão. Todos os mitos são introjetados pelas massas populares oprimidas para a sua conquista, e os veículos são os meios de comunicação de massas – onde não há comunicação, e, sim, depósito de comunicados (FREIRE, 2006^a, p.160).

Ainda em Freire, o diálogo é o caminho pelo qual os homens ganham significação. Em lugar de comunicar-se, o comunicador faz “comunicados”, e essa visão “bancária” da comunicação, como depósito e transferência de informação, estimula a ingenuidade, e não a criticidade (FREIRE, 2006^a, p.66). O autor coloca que

se o objeto do pensamento fosse um puro comunicado, não seria um significado significante mediador dos sujeitos. Se o sujeito “A” não pode ter no objeto o termo de seu pensamento, uma vez que este é a mediação entre ele e o sujeito “B”, em comunicação, não pode igualmente transformar o sujeito “B” em incidência depositária do conteúdo do objeto sobre o qual pensa. Se assim fosse – e quando assim é –, não haveria nem há comunicação. Simplesmente, um sujeito estaria (ou está) transformando o outro em paciente de seus comunicados. A comunicação, pelo contrário, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. Por isto, não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa. (...) Na comunicação não

há sujeitos passivos. Os sujeitos cointencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo. (FREIRE, 2006^a, p.67)

Para Freire a comunicação não está na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua coparticipação no ato de compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente (FREIRE, 2006a, p.710).

Quando um sujeito leva a outro um conhecimento (este deixando assim de ser sujeito), ocorre a ação extensiva. (...) A tendência do extensionismo é cair facilmente no uso de técnicas de propaganda, de persuasão, no vasto setor que se vem chamando “meios de comunicação de massa”. Em última análise, meios de comunicados às massas, através de cujas técnicas as massas são conduzidas e manipuladas, e, por isto mesmo, não se encontram comprometidas num processo educativo-libertador. (FREIRE, 2006a, p.72)

O fazer do homem é ação e reflexão: é práxis, é transformação do mundo. Seu fazer tem que ter uma teoria que o ilumine. A verdadeira revolução tem de inaugurar o diálogo corajoso com as massas.

Esse diálogo responde a outra exigência radical: a dos homens como seres que não podem ser fora da comunicação, pois que são comunicação. “Obstaculizar a comunicação é transformá-los em quase ‘coisa’ e isto é tarefa e objetivo dos opressores, não dos revolucionários” (FREIRE, 2006b, p. 141-145).

Como então os meios de comunicação podem ser dialógicos? Como o comunicador pode ser receptor e o receptor comunicador, se esses papéis são cristalizados e bem definidos; se o comunicador é aquele que detém a mensagem e o receptor aquele que “nada sabe” e assiste passivamente?

A comunicação que não tente fazer o esforço de conscientização, e que, nas palavras de Freire, “pelo contrário, insista na transmissão de comunicados, na extensão de conteúdos (...), não pode esconder sua face desumanista” (FREIRE, 2006^a, p.91). O comunicador comprometido com as transformações radicais deve, antes de tudo, crer no povo, nos homens simples, na sua capacidade de pensar e construir o mundo criticamente, e comungar com eles e com eles “pronunciar o mundo” (FREIRE, 2006^a, p.93).

“A dimensão intersubjetiva que subjaz à noção de comunicação (pôr em comum, participar, comungar), ao contrário da mera transmissão da informação, unilateral, reclama o concurso e a participação ativa do outro, como sujeito e interlocutor”. Comunicação é diálogo e comunhão de sujeitos, condição ontológica do ser humano ⁴.

Conclusão

As novas redes sociais que se formam a partir de movimentos globais, internacionais, locais, de demandas específicas provam que há uma grande demanda por mudanças.

As redes possuem grande capacidade de mobilização e conexão de pessoas em torno de interesses comuns, mas ao mesmo tempo permitem a dispersão e

desarticulação devido à velocidade e ao fluxo contínuo e enorme de informações.

Esse novo mundo que resulta da “aliança entre comunicação, tecnologia e economia de mercado”, ou seja, a “tecnocultura”, ao mesmo tempo em que traduz a cultura contemporânea consumista e globalizada, permite mais abertura ao diálogo e a conscientização a partir do momento em que traz em seu bojo possibilidades mais democráticas. Vivemos hoje num mundo de contradições, de determinismos e possibilidades ao mesmo tempo. E é nessa brecha das possibilidades que devemos atuar.

Enquanto o capitalismo consumista e o status quo se mantiverem, haverá opressores e oprimidos de classe. Mas essas articulações despontam no século 21 como resultado de uma forte demanda da sociedade por mudanças globais e efetivas. Essa luta é uma luta contra um sistema estabelecido e contra uma direção e conduta humana atual consumista, alienada, de caráter “egoístico-passional” e autodestrutiva.

As releituras da obra de Paulo Freire dão luz às novas tendências que emergem hoje no cenário da pesquisa em comunicação – sobretudo em relação à comunicação participativa e horizontal.

A importância do seu pensamento pode ser atestada em sua biografia, publicada em 1996, um ano antes de sua morte, através das homenagens e títulos recebidos em vida por inúmeras universidades e instituições em todo o mundo.

Este trabalho faz parte de muitos outros que compartilham a ideia da construção de uma nova sociedade, que, para além dos ideais revolucionários de ruptura do sistema social opressivo vigente, baseia-se também em ideais cristãos de fraternidade e solidariedade. Na partilha e divisão dos recursos básicos de sobrevivência, do conhecimento e do poder. Na convivência harmoniosa com as diferenças e com o ambiente. Numa abordagem da comunicação centrada não na grande mídia comercial, mas nas alternativas.

Longe de parecerem ingênuas, utópicas ou panfletárias, essas questões são urgentes e essenciais para a sobrevivência atual do homem na Terra. E são, sobretudo, questões políticas.

A fome e a pobreza extremas, as guerras e ameaças terroristas, as ondas de crise econômica, a violência nas grandes cidades, o grande número de suicídios em países ditos desenvolvidos, as doenças causadas por alimentos industriais e as catástrofes ambientais, consequência do consumismo excessivo, provam que o sistema vigente está em vias de entrar em colapso.

Se o marxismo, como estratégia política, não despertou na humanidade a questão dos bens comuns e coletivos – ao invés de individuais e privados –, a questão ecológica e de sobrevivência emerge como estratégica.

Não abordamos a questão ecológica ao longo do estudo, mas incluímos aqui com o intuito de alertar para o fato de que, de um modo ou de outro, a mudança da sociedade se faz premente – e para justificar a relevância dessa mudança. E uma das estratégias de mudança pode estar centrada na mídia – instituição hoje talvez de maior poder sobre a construção e manutenção do consenso.

Pensar a nova sociedade que pode surgir a partir desse colapso gradual requer pensar em diversos aspectos. Centramos este estudo no aspecto midiático – que

⁴ Escola, J. Paulo Freire e Gabriel Marcel: Esboço de uma Pedagogia da Comunicação na Era da Informação. IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire. Instituto Paulo Freire, Portugal. 2004..

pode favorecer ou não a construção dessa sociedade, dependendo do uso que se faz e da política que está por trás desses meios. Assim, as grandes instituições sociais – a família, a religião, a escola, a mídia – podem ser instrumentos tanto de produção e manutenção do status quo como de reformulação e superação desse sistema.

Não pretendemos propor um modelo ideal de sociedade ou propor o fim das diferenças, mas trabalhar a possibilidade de modos de vida mais equilibrados – equilíbrio na distribuição de riquezas e equilíbrio com o meio.

Inspirados em Freire, é importante ter, antes de tudo, a confiança no homem como sujeito criativo e a convicção de que a mudança é possível.

Bibliografia

ALVES, Luiz Roberto. Educar, um ato radical de comunicação. Para pensar Paulo Freire e a sociedade em mudança. Unisinos. *Revista Fronteiras*. VIII (2): 123-132, maio/agosto 2006. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/article/view/3144/2954>>. Acesso em ago. 2009.

COGO, Denise. *Da comunicação rural aos estudos de audiência: influências da obra de Paulo Freire no ensino e na pesquisa em comunicação social*. Rastros Revista do Núcleo de Estudos Em Comunicação, Joinville, v. 1, n. 1, p. 29-36, 1999. Disponível em: <<http://redebonja.cbj.g12.br/ielusc/necom/rastros/rastros01/rastros0103.html>>. Acesso em: out. 2009.

ESCOLA, Joaquim. *Paulo Freire e Gabriel Marcel: Esboço de uma Pedagogia da Comunicação na Era da Informação*. IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire. Instituto Paulo Freire, Portugal. 2004.

GADOTTI, Moacir (org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996.

FONSECA, André Azevedo da. *O método Paulo Freire no ensino de Jornalismo*. *Revista brasileira de ensino de jornalismo*. Encontro nacional de professores de jornalismo. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.fnpij.org.br/grupos.php?det=134>>. Acesso em jul. 2009.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre educação. Diálogos*. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 2006a.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2006b.

MEDITSCH, Eduardo. *Filosofia de Paulo Freire e práticas cognitivas no jornalismo*. *Comunicação & Educação*, São Paulo, (27): 15 a 30, maio/ago. 2003.

Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/viewFile/4554/4277>>. Acesso em mar. 2009.

_____. A filosofia marxista-cristã de Paulo Freire no estudo da mídia: uma matriz abortada. In: MELO, J.M.; GOBBI, M.C.; KUNSCH, W.L.. (Org.). *Matrizes Comunicacionais Latino-americanas: marxismo e cristianismo*. 1 ed. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/UMESP, 2002, v. 1.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. *Mídia e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAIVA Raquel. *A comunicação como projeto social*. In: Anais do IV ENDI-COM. Montivideo: 2001.

_____. *A consolidação da estrutura comunitária na atualidade*. Disponível em: <http://leccufrj.wordpress.com/>. Acesso em nov. 2009.

PERUZZO, Cicilia. *Comunicação comunitária e educação para a cidadania*. In: PCLA, v. 4, n. 1, out/nov/dez. 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. In: *Comunicação & Educação*, São Paulo, (23): 16 a 25, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4172/3911>>.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 2001.